



Sudeste Asiático 4

O novo Vietnã e a Baía da Halong

Não é esta a primeira experiência de viagem, em que me sinto prisioneira da visão do guia de turismo. A correria que precede a viagem, na tentativa de fazer todo o trabalho que eu imagino que poderia fazer e que, de fato, na maior parte das vezes não consigo concluir, me deixa sem reservar aquele tempo que é importante e necessário a todo viajante, que é o de ler tudo que for possível sobre o país ou países de seu destino.

Pois é, não fiz isso mais uma vez. O resultado é que minhas primeiras impressões sobre o Vietnã são orientadas pela forma distante e pouco informada com que, na juventude, acompanhei o desenrolar da chamada Guerra do Vietnã e pelo que vai falando Luna, a guia que nos acompanhou em Hanói e fez conosco a viagem até a Baía de Halong.

Ela cursou o ensino superior em Cuba e, por isso, aprendeu o idioma castelhano. Segundo me informa, era estudiosa e conseguiu entrar na Faculdade de Medicina em Hanói, mas a falta de dinheiro da família para custear seus estudos, fez com que ela tentasse uma das bolsas oferecidas para ir a Cuba, acompanhar o curso que fosse possível, e foi deste modo que ela acabou por se formar em Ciências Econômicas.

Todo o seu discurso, que ela elabora de modo incisivo e reincidentemente (não sei se isso tem a ver com a família pobre que não pôde custear seu curso de Medicina ou se posso admitir algum grau de generalização a partir desta fala) é de que se viveu, no Vietnã, muitos e muitos anos de pobreza extrema, o que significa que mais de uma geração experimentou a fome. E a sua geração, a dos nascidos após o fim da Guerra com os Estados Unidos mesmo não tendo vivido tudo isto, ainda reafirma, com razão, todo o horror que decorreu deste conflito. Alguém tem dúvida? Acho que não.

O fato é que se trata de uma história cheia de guerras e conflitos, que levou ao sofrimento grande da sociedade vietnamita, que, evidentemente, não poderia viver as poucas décadas recentes de paz e prosperidade, sem se lembrar todo o tempo da fome e da miséria pela qual passaram.

É este contraponto na história de um país – guerra e paz - que, muitas vezes, leva à valorização de atos e gestos tão cotidianos: dormir, sem medo de que uma bomba possa matar toda a família; comer, sabendo que haverá comida também nos dias subsequentes; ver os filhos crescer, sem ter medo sobre o futuro deles; guardar suas lembranças e respeitar seus mortos, sem o perigo de perder todas as referências, em função da necessidade de se esconder e fugir, se necessário for.

O Vietnã foi dominado pelos franceses por décadas e décadas, desde o século XIX. É um povo que esteve e está em vigília, desde que os viets, um conjunto de mais de 50 etnias que há quase mil anos saiu do sul da China em direção à península (depois chamada de Indochina) para ocupar o que hoje é o norte do Vietnã e se libertar do domínio chinês, que continua a ameaçá-los até hoje, porque querem aceder à costa vietnamita, para facilitar a exportação de seus produtos.

Experimentaram, ainda, uma guerra de uma década com os Estados Unidos, da qual saíram vitoriosos, mas com o seu território cheio de minas que poderiam estourar a qualquer momento e parte da população vivendo com os efeitos do napalm, que foi liberado pelas bombas jogadas pelos *yankees*, como gostamos de nos referir a estes americanos do norte.

Vivenciaram uma luta armada contra o Camboja e, ainda, experimentaram conflitos internos, mesmo antes da invasão dos Estados Unidos, entre socialistas do norte e capitalistas do sul.

Se alguns guias colocam mais ênfase na ação imperialista da China sobre o Vietnã, outros, como Luna, frisam, todo momento, o fato de que os franceses se auto-intitulavam colaboradores dos vietnamitas, mas foram interventores e exploradores das riquezas da então Indochina.

É fortemente criticada no país, mesmo pela geração que nasceu depois do fim da guerra, a ação estadunidense no Vietnã, apoiando as ditas forças conservadoras do Vietnã do Sul, lideradas por um católico, anti budista, chamado Ngô Đình Diêm Jean Baptiste (reparem no sobrenome cristão apostado ao de família) e contrárias à ação dos socialistas do sul, da Frente Nacional de Libertação, apoiadas por Ho Chi Minh, já no comando do Vietnã do Norte, que havia declarado a independência do país em 1945, após a abdicação do último imperador vietnamita Bao Dai. A França não aceitou a declaração da independência e, ainda, lutou para manter a Indochina, pelo menos até que a Convenção de Genebra de 1954 reconhecesse internacionalmente a constituição dos Estados do Vietnã Norte e do Vietnã do Sul.

Era este o fio condutor de muitas das falas de Luna e não é de se estranhar que ela e outros adorem a figura de Ho Chi Minh, pelo menos é assim que percebo como o Vietnã atual o vê, tanto por meio dela, que frisa todo o tempo que foi ele quem alcançou a autonomia política para o país, como pelas fotos que vejo penduradas em muitos lugares, inclusive nas casas das pessoas, denotando respeito e admiração pelo líder socialista, num período da história do Vietnã em que o a política de Estado já traiu, há algumas décadas, os princípios implantados por ele, o que não parece ter qualquer resistência por parte da sociedade. Ninguém com quem tivemos contato fez referência às mais de 20 mil mortes imputadas ao regime de Ho Chi Minh. Medo? É provável que sim, afinal se trata de uma Ditadura Socialista. Socialista?

Em outras palavras, pelo que posso apreender em tão pouco tempo, todos respeitam Ho Chi Minh, mas não há qualquer desacordo com a política econômica de viés capitalista. Isso é que é contradição! O que há é uma crítica (silenciosa porque fortemente reprimida) expressa como inconformismo com a vida de riqueza em que vivem os líderes atuais do Partido Comunista (o único a aceder ao poder), em frontal oposição ao modo simples e fraterno como dizem eles ter vivido Ho Chi Minh.

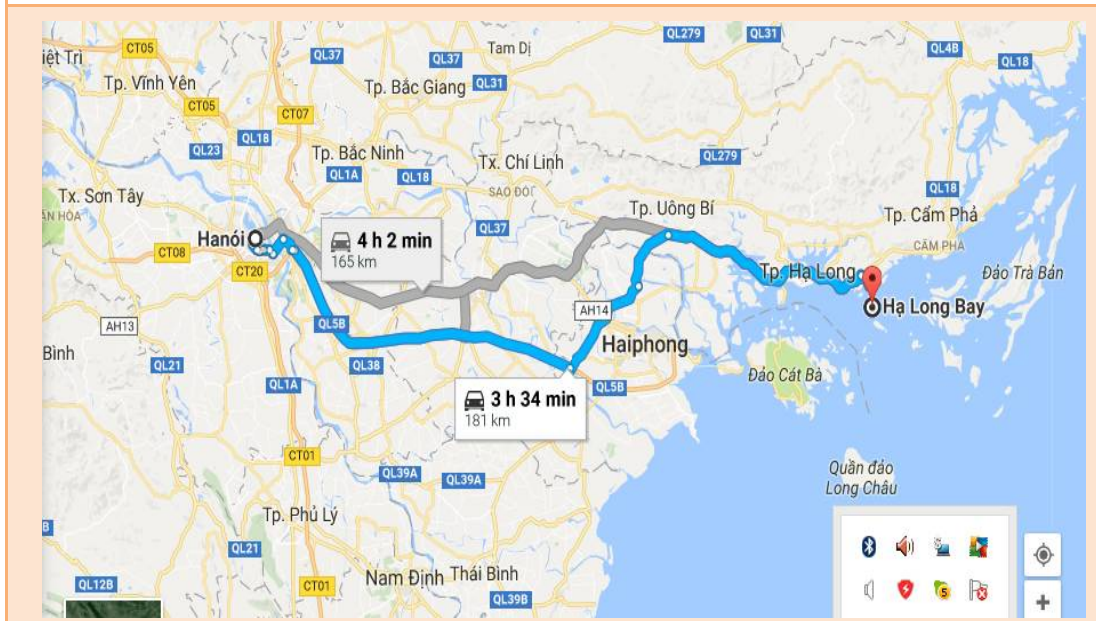
Ele morreu em 1969 e não viu, então, em 1975, nem a rendição do Vietnã do Sul às forças socialistas do norte, nem a retirada dos Estados Unidos e, tampouco, a criação da República Socialista do Vietnã, em 1976, já com o país reunificado.

A vida dura dos vietnamitas não terminou aí, porque em 1978, o Vietnã invadiu o Camboja e lutou contra o exército do Khmer Vermelho e seu ditador Pol Pot. O país foi invadido, em consequência pela China, em 1979. As tropas vietnamitas só se retiraram do país vizinho, em 1989, o que contribuiu para a retomada do crescimento econômico do país, já em andamento com a política do *Doi Moi*, iniciada em 1986, que se constituiu de reformas econômicas, propiciando a retomada da economia de mercado, o que só foi acentuado com o colapso da URSS e o fim da Guerra Fria, em 1991.

À medida que nos afastamos de Hanói em direção à Baía de Halong, Luna discorre sobre a melhoria das condições de vida da sociedade desde 1986, mas ao mesmo tempo frisa o quão pesado é para todos do país ter que custear saúde, educação, habitação e transportes.

Mesmo sendo públicos, serviços, equipamentos e infra-estruturas oferecidos pelo Estado são pagos no Vietnã e, segundo ela, não há ajudas do Estado para quem não trabalha (algo tipo um seguro social, por exemplo). Também não há programas habitacionais de caráter social, o que significa que cada um tem que prover suas condições de moradia, o que não é simples num país populoso e relativamente pouco extenso territorialmente. Muitas famílias – pai, mãe e dois filhos, que constituem o “modelo” desejado pela política de Estado atual – moram, algumas vezes, em imóveis de trinta metros quadrados.

Tudo isto Luna vai explicando, ou vai respondendo conforme perguntamos, enquanto pela janela acompanho a paisagem vietnamita nos 180 km que separam Hanói da Baía de Halong.



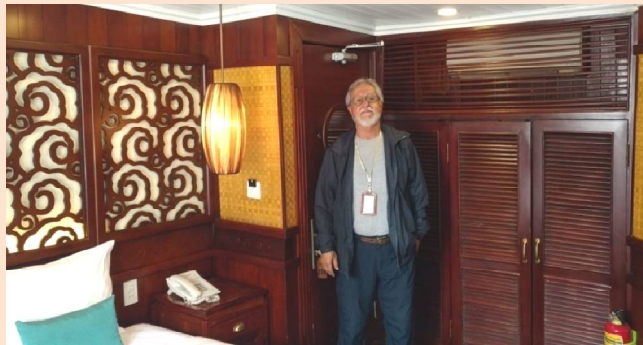
O que percebo é que a pujança da economia, que vem crescendo há 30 anos, assegura um amplo mercado de trabalho, ainda que não totalmente formal e com direitos sociais garantidos (como licenças saúde ou aposentadoria), uma vez que nem sempre isso é assegurado a todos que trabalham com vínculo empregatício e, ainda, porque permanecem múltiplas formas de trabalho informal: há muita gente, pelas ruas, fazendo e vendendo de tudo, sobretudo alimentos.

A explicação para haver tanta oferta de comida pronta nas ruas é, de um lado, ter mão de obra farta e barata, e haver grande produção agrícola; de outro, a exiguidade do tamanho das moradias e a distância entre os locais de residência e de trabalho levam todos a comer pelas ruas, o que é inclusive possível pelos preços baratos desta alimentação.

O que mais chama minha atenção no trecho viajado é a mescla de usos de solo urbanos e rurais. Andamos sem nunca deixar de ver assentamentos concentrados, sejam cidades, sejam núcleos menores de povoamento, ou ainda as múltiplas formas de comércio que se realizam ao longo da estrada. Passamos por este trecho no dia 20 de janeiro, que é o dia de agradecimento à comida e muitos o fazem colocando ainda mais alimentos nos pequenos altares de oferendas aos seus mortos e, também, queimando dinheiro de papel, simbolismo que mantém para garantir riqueza. Nas ruas adjacentes ao velho mercado de Hanói, vimos várias lojas e bancas na calçada vendendo “dinheiro” impresso em papel, o que é destinado para estas oferendas tanto nas casas, como também nos templos e pagodes budistas.

Atualmente, os dois principais setores da economia são a agricultura e o turismo. A primeira está fortemente alicerçada na exportação do arroz para a China, principalmente, e na produção de todo tipo para alimentar o grande mercado consumidor interno composto por quase cem milhões de pessoas. No que se refere à atividade econômica associada ao turismo, um dos carros-chefe, atraindo gente do mundo todo, são as belezas da Baía de Halong.

Mal chegamos e pudemos perceber a efervescência da produção imobiliária que se associa a esta paisagem, pois há vários hotéis e prédios de veraneio ao redor da baía, mas vimos também que, no porto, operam diversas empresas que realizam pequenos cruzeiros para conhecer parte desta grande extensão de água.



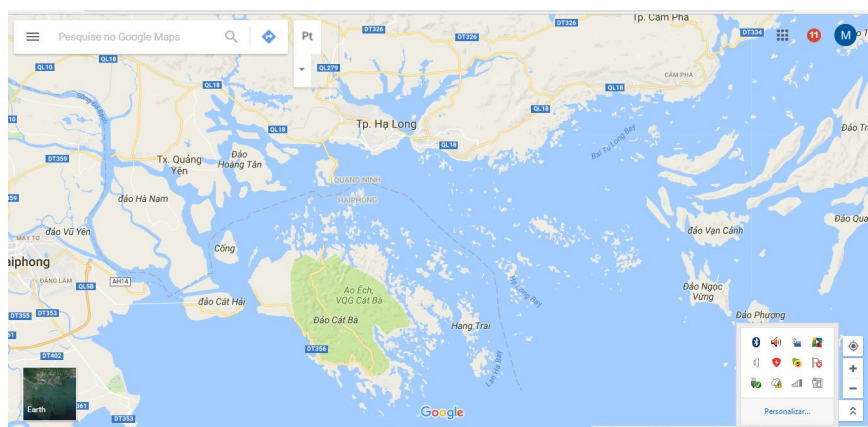
A nossa empresa é a Bhaya Cruisiers e aí estamos os quatro antes do embarque e Eliseu experimentando o conforto do nosso camarote, que era voltado para uma pequena varanda.

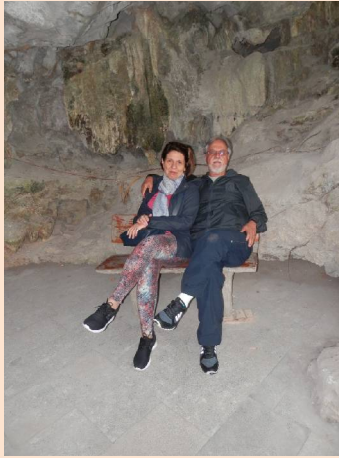
Os maiores barcos, entre os quais estava o nosso, era composto por quatro andares acima do nível do mar – o da entrada e o segundo, onde se localizavam, após um pequeno lounge, apartamentos dos dois lados; - o terceiro, onde estava o restaurante ladeado por varandas e - o último composto de um terraço grande para se tomar sol, o que não fizemos, porque estava o maior vento e um tempo de chuva. Vejam nosso barco, que bonito, na foto logo a seguir, mas havia outros menores, como o da foto subsequente, também, aparentemente muito confortável.





A Baía de Halong tem 1.500 quilômetros quadrados e mais de 2.000 elevações no relevo submarino que emergem como ilhas montanhosas em meio à água que tem um tom muito bonito, face à formação cárstica que dá origem a este ambiente, o que explica o grande número de cavernas que compõem esta paisagem, como a de Hang Sung Sot, que visitamos.





Realmente, mesmo não havendo sol, o que foi uma pena, à medida em que o barco navegava, a cada cinco minutos o conjunto se alterava, em função da grande quantidade de 'montanhas'. Há muita gente que vive nesta baía, tanto nos barcos que se aproximam dos maiores que realizam os cruzeiros, para vender de tudo – cigarros, refrigerantes, bonés, protetores solares, pequenas lembranças etc. – até os que são movidas a motor e contratados pela empresa para fazer o nosso transporte à terra firme para conhecer as cavernas, como a que visitamos. Há, ainda, as canoas menores movidas a remo que nos levam para conhecer as reentrâncias de parte deste relevo, que compõe a paisagem tão especial, considerada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Vejam as poses do condutor de nosso barco e de sua esposa que trabalhava em outro, levando o filho junto. Eles eram risonhos e extrovertidos, como no geral o são os vietnamitas.



Dêem uma olhada no nosso pequeno grupo – quatro brasileiros e quatro argentinos. Os dois homens formavam um casal em que o rapaz mais claro era extremamente simpático. Elas eram expeditas: estavam sempre se adiantando às iniciativas dos guias, durante todo o tempo em que compartilhamos passeios no Vietnã e Camboja.

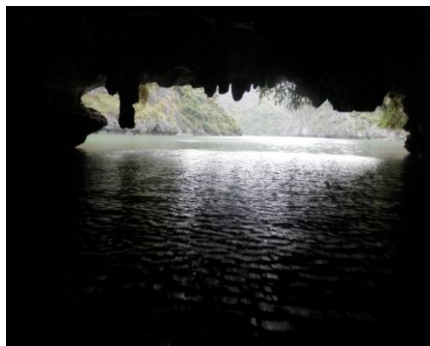


Quando o céu fechou mais ainda, antecedendo a chuva que cairia em seguida, parece que a paisagem ficou especialmente diferente e reforçou o espírito da lenda vietnamita de que este é um lago encantado, criado pelo maior dragão do mundo. Tomem cuidado porque, de repente, a cabeça dele pode aparecer detrás de uma destas elevações.





São estas pequenas embarcações conduzidas por gente que habita em moradias flutuantes no próprio lago, que nos possibilitam passar por estas entradas naturais formadas pelo desgaste maior das rochas da base da elevação, conformando verdadeiros túneis naturais.



Do alto de um mirante, instalado em uma das “ilhas”, Eliseu e Renato, após subir 420 degraus, apreciaram estas lindas vistas. É ou não é de cair o queixo?



Carminha Beltrão

Janeiro de 2017